

PERCEPÇÃO ECOLÓGICA E A PESQUISA AGROPECUÁRIA

Marcos Borba, Embrapa Pecuária Sul. mborba@cpapsul.embrapa.br

João Carlos Costa Gomes, Embrapa Clima Temperado. costa@cpact.embrapa.br

Ainda hoje, apesar da dimensão alcançada mundialmente pelo movimento ecologista, de maneira geral, ecologia ou uma postura ecológica aparece vinculada com atividades de protesto, seja em defesa das florestas, seja pela preservação da biodiversidade e da diversidade cultural, seja contra os organismos geneticamente modificados. Quer dizer, atitudes de rebeldia atribuídas a grupos que não raras vezes são tratados como *contrários ao desenvolvimento* e, mais recentemente, contra a globalização. Coisa de loucos sonhadores e utópicos, não raras vezes denominados *ecochatos*.

É claro que até se reconhece que as atividades do Greenpeace, por exemplo - ou qualquer outra organização dedicada à preservação ambiental e cultural -, estejam revestidas de preocupações ecológicas 'sérias'. No entanto, falta a percepção (abrangência) necessária para entender que justamente por terem atingido a verdadeira compreensão do "ser" e "viver" ecológicos que muitas pessoas, e por vias de consequência algumas instituições, mudam, muitas vezes completamente, suas vidas ou visão de mundo. A ponto de se disporem a assumir posições radicalmente contrárias ao modelo de sociedade estabelecido - muitas vezes com uma postura de enfrentamento à ordem estabelecida - e re-orientar suas linhas de atuação.

A compreensão do "ser" ecológico - fundamental para o verdadeiro "viver" ecológico - requer sobretudo novas percepções da realidade. A atual crise vivida pela humanidade oriunda da confusão gerada por modelos econômicos assentados sobre uma racionalidade desenvolvimentista, tecnológica, utilitarista e individualista que só se sustenta sobre valores como competição, dominação, expansão entre outros, é antes de tudo uma crise de percepção como afirma Fritjof Capra. Ou seja, apesar de toda as evidências a crise não é reconhecida como tal, principalmente devido a uma mirada reducionista e mecanicista sobre a realidade.

Esta é sobretudo uma característica das culturas ocidentais, que tudo analisa a partir simplesmente do que vê, deixando de lado grande parte das relações e interações que não estão ao alcance dos olhos. Assim prevalece a noção Cartesiana de que partilhando a realidade e analisando suas partes poderemos chegar a compreensão do todo e se esquece que as propriedades elementares são do todo e que as partes não as contém. A mudança de paradigma requerida consiste em trocar o enfoque reducionista e discriminatório do conhecimento para uma visão holística, ou quem sabe ecológica, tanto na identificação e análise dos problemas como na elaboração das soluções. Esta é uma visão que concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. Para Capra *a percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e*

sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza. A isto o autor se refere como a “Teia da Vida”. Ou seja a percepção ecológica é sistêmica.

Talvez aí resida a origem de nossa visão fragmentada da realidade. Carecemos de visão sistêmica. Não que isto seja algo deliberado, mas é sim fruto de uma formação com grande influências cartesianas. Esta condição tem provocado grandes alterações na qualidade de nossas vidas. Para Durval de Castro (1997) o fato fundamental de nossa existência é a experiência do momento presente; e para ter consciência de nossas vidas e dirigir nossas ações em direção a nossos propósitos, nossas atividades mentais se relacionam com as experiências do presente por três faculdades (The three “eyes” of System View): 1) a cognição que relaciona a experiência à conceitos, idéias, ou representações mentais, resultando em conhecimento objetivo. A ciência é a forma mais elaborada; 2) a percepção estética, caracterizada por profunda imersão na experiência presente, sem tentar categorizá-la ou conceitualizá-la. A arte é a forma mais elaborada e; 3) as sensações e emoções (feelings), surgindo como efeito da experiência sobre nós mesmos, resultando na percepção do seu valor ou percepção ética.

Ainda conforme Durval de Castro, para formar a visão de mundo, combinamos estas três faculdades da mesma forma que combinamos os sinais captados pelos olhos (na verdade cada olho gera uma imagem bidimensional) para formar uma imagem tridimensional. O autor salienta que normalmente não necessitamos de nenhum esforço extra para integrar os sinais. Somente quando alguma disfunção temporária previne a integração necessitaríamos de tratamento ou treinamento para coordenar as imagens e formar uma imagem tridimensional. Quanto a visão de mundo acontece o mesmo. O caminho natural de ver o mundo é balanceado; as crianças por exemplo utilizam suas três faculdades para ver o mundo.

Entretanto o favorecimento de uma faculdade em detrimento de outras pode alterar este equilíbrio comprometendo a habilidade de uma cultura para se relacionar com seu ambiente, provocando baixa qualidade de vida. A cultura ocidental resultou do desenvolvimento intensivo da faculdade cognitiva e suas mais destacadas realizações são a ciência e a tecnologia. Para nós ocidentais, como salienta Durval de Castro, *conhecimento é força, sentimentos e sensações são fraquezas e senso estético é luxuria.* No entanto, para ele sentimentos e sensações não são fraquezas e sim a fonte de nossa força; e percepção estética não é luxuria, mas nossa mais poderosa conexão com o ambiente externo. Os potenciais benefícios do conhecimento, ciência e tecnologia, somente poderão ser desfrutados quando devidamente misturados com sensibilidade para a bondade e beleza. A maior prevalência da faculdade cognitiva na elaboração da visão do mundo do homem ocidental tem contribuído para gerar injustiças, violência, corrupção, poluição, uso indiscriminado dos recursos naturais, perda de prazeres simples, consumismo, estresse, neurose, competitividade como forma de vida... enfim a “crise”

Com base nisso podemos esperar que as organizações sofram sérias influências desta visão parcial, pois, nosso cotidiano e nossas práticas são influenciadas por isso. Instituições dedicadas a produção de conhecimentos, em especial aquelas voltadas a pesquisa agropecuária

cujo produto interfere diretamente no ambiente natural e social (ecossistema), precisam de uma urgente e profunda reflexão. A grande maioria dos cientistas envolvidos com a produção do conhecimento para agropecuária brasileira ainda está impregnado pelos conceitos da “Revolução Verde”. Temos sistematicamente seguido este modelo de 50 anos atrás que, com a desculpa (nada ingênua) dos países industrializados de resolver a POBREZA DO MUNDO, difundiu a idéia de que baseados na mecanização, na introdução de sementes e raças de animais selecionados, sistemas superintensivos de produção animal e no uso de insumos derivados do petróleo como fertilizantes inorgânicos, os "agrotóxicos" e os produtos veterinários, poderíamos aumentar a produção a qualquer custo. Devemos reconhecer que a produção aumentou, mas a fome não acabou, a pobreza aumentou no campo e na cidade, a desigualdade aumentou e poluímos muito.

De forma geral estivemos e ainda estamos empenhados na busca da eficiência técnica meramente. E isso pode representar uma séria ameaça a sobrevivência institucional por falta de aderência com o ambiente. Tudo fruto da falta de visão sistêmica, a qual, por exemplo, faz com que avancemos até o nível das relações, no máximo, não conseguindo perceber ou considerar as interações entre os distintos componentes da nossa realidade. Temos que aceitar que ainda hoje estamos gerando tecnologias que, pela característica monodisciplinar da identificação e abordagem dos problemas, pouco têm contribuído para o aumento da produção global e para a obtenção de produtos que atendam os padrões atuais de consumo sem destruir os recursos naturais.

A dependência de insumos embutida nas tecnologias convencionais tem, em primeiro lugar, excluído grande parte dos agricultores da possibilidade de adoção; e em segundo lugar, gerado sistemas que demandam mais energia do que podem produzir. A simplificação exagerada das abordagens oficiais do desenvolvimento rural - que analisa a realidade sob o aspecto do fluxo de capital dentro da cadeia produtiva meramente¹ -, impede muitas vezes de ver que se tem contribuído, desta forma, com a evasão de capital dos sistemas produtivos (de dentro da porteira) na direção da indústria de insumos. O que significa que além de não se ter conseguido aumentar a eficiência produtiva nem reduzir custos financeiros e ambientais, ainda se reduz a capacidade de sobrevivência dos agricultores, especialmente os de menor escala, evadindo parte significativa de suas riquezas para fora do sistema e obrigando-os cada vez mais a buscarem fora de sua unidade produtiva a renda necessária para a reprodução social da família. Sem falar na grave deterioração dos recursos naturais e da biodiversidade consequência desse “abandono” parcial a que estamos submetendo os agricultores, deveríamos pelo menos perceber que a mão de obra do camponês - desqualificada muitas vezes para realizar tarefas sofisticadas -, pelo seu caráter temporário, acaba subsidiando a produção industrial já que estes recebem salário apenas durante

¹ A noção de negócio agrícola esta vinculada a idéia de “cadeia produtiva” que é uma visão linear da produção. Ou seja, o processo produtivo é visto como uma cadeia que começa com a indústria de insumos que fornece ao produtor os inputs necessários a produção e que após entrega seu produto a indústria, que logo os repassa a distribuição, que por sua vez oferta ao consumidor. O processo prevê um fluxo de via dupla. O de produto verde, do produtor ao consumidor; e o do capital desde o consumidor até a indústria de insumos, tudo isso num contexto institucional dado. A noção não incorpora o contexto ecológico ou sociocultural da produção.

a safra. Isso ao mesmo tempo que reduz os custos da produção de larga escala obriga os pequenos agricultores a “se virar” para a manutenção da família nos demais meses do ano. Ninguém se compromete com esta mão de obra até a próxima safra.

Ainda estamos voltados para a eficiência biológica sem analisar que nossas recomendações atuais (tecnologias e práticas agropecuárias) poderão, num futuro não muito distante, gerar uma série de conseqüências nefastas, comprometendo seriamente a capacidade das gerações futuras de produzir seu sustento e manter a qualidade de vida, seja pela diminuição da biodiversidade, seja pela poluição de solo e água, seja pelo aumento da pobreza e da exclusão social. Temos sérias dificuldades - sejam indivíduos, sejam instituições - para perceber a existência de efeitos de longo prazo. Parece que acreditamos que realmente podemos sempre aprender com a experiência, o que, em muitos casos, não é verdade, pois os resultados, ou melhor dizendo as externalidades, só aparecem muito distantes no tempo e até mesmo no espaço.

Portanto já é hora de darmos um basta. A situação de crise em que vive a civilização reclama novas atitudes, novas formas “de se fazer” as coisas, novas formas de se produzir novos conhecimentos. O novo paradigma só aceita uma sociedade onde as ações e soluções sejam sustentáveis, ou seja, aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras. No entanto, ao aceitar esta definição da própria sustentabilidade estamos aceitando que se trata das necessidades de todos, humanos ou não. Se trata de romper com uma visão antropocêntrica para aceitar que existem outras necessidades que não somente as humanas. Além disso, há que se compreender que necessidades humanas são definidas culturalmente, ou seja, que o que é necessidade e as estratégias para supri-las, variam de cultura para cultura e que isso requer a aceitação de uma enorme pluralidade de situações, valores, cosmovisões, racionalidades, etc.